

**Contextualismo e alternativas relevantes:  
Uma proposta de Fred Dretske**

Contextualism and relevant alternatives:  
A proposal by Fred Dretske

Patricia Ketzer

Professora da Universidade de Passo Fundo (UPF)

[patriciaketzer@gmail.com](mailto:patriciaketzer@gmail.com)

<http://lattes.cnpq.br/4875848249103649>

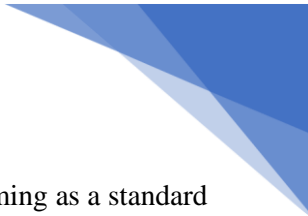
**Resumo**

Historicamente a epistemologia tem definido conhecimento como universal e infalível. Mas a tradição não deu conta de resolver de forma suficientemente satisfatória as questões colocadas pelos céticos, tais como o questionamento da existência do mundo externo à mente, o argumento da ilusão e do erro, entre outros. Diante disso, reformulações no conceito de conhecimento têm sido admitidas, dando origem a outras abordagens em Epistemologia. Entre estas abordagens encontra-se o contextualismo. As teorias contextualistas apresentam uma série de formulações divergentes, mas todas concordam que conhecimento é relativo ao contexto em que está inserido e no qual é discutido. Os contextualistas acusam a epistemologia tradicional de ignorar os diferentes contextos em que há conhecimento, ao tomar como padrão um contexto epistemológico altamente rigoroso, que regula o conhecimento em qualquer circunstância. Este trabalho apresenta o contextualismo de alternativas relevantes de Fred Dretske, segundo o qual S sabe que p se, e somente se, S é capaz de lidar com todas as alternativas relevantes referentes a p. O trabalho se dedica a apresentar a proposta de Dretske, analisando sua plausibilidade a partir das críticas apontadas por Christoph Jäger, Stewart Cohen e Gail Stine.

**Palavras-chave:** Contextualismo. Alternativas Relevantes. Ceticismo.

**Abstract**

Historically epistemology has defined knowledge as universal and infallible. However, tradition has not accounted for solving in a sufficiently satisfactory way the issues posed by skeptics such as the question of existence of an external world outside the mind, the argument from illusion and from error, among others. Consequently, reformulations of the concept of knowledge have been proposed, developing others approaches to Epistemology. Contextualism is to be found among these epistemic theories. Contextualist theories hold a series of divergent formulations, but they all agree that knowledge is relative to the context that it is inserted and in which it is discussed. Contextualists accuse traditional



epistemology of ignoring the different contexts in which there is knowledge by assuming as a standard a highly strict epistemological context that regulates knowledge in any circumstance. This paper presents the contextualism of relevant alternatives by Fred Dretske, according to which S knows that p if, and only if, S is able to deal with all relevant alternatives referring to p. The work is dedicated to presenting Dretske's proposal, analyzing its plausibility based on the criticisms pointed out by Christoph Jäger, Stewart Cohen and Gail Stine.

**Keywords:** Contextualism; Relevant Alternatives; Skepticism.


## 1. Considerações Iniciais

Na história da Filosofia, conhecimento tem sido concebido como universal e infalível, e justificação como uma cadeia de crenças, ligadas uma a outra por inferência (fundacionalismo), ou como um conjunto de crenças, em que a justificação é fortalecida pela relação de coerência entre as crenças (coerentismo). O fundacionalismo que defende que as bases do conhecimento são as percepções tais como elas aparecem ao sujeito, é confrontado com a objeção de que torna o conhecimento privado. Além disso, ao tentar propor uma solução ao problema do regresso infinito<sup>1</sup>, detendo-o com crenças básicas justificadas, os fundacionalistas têm de explicar que propriedade estas crenças possuem que as torna básicas, e como a sua justificação é transmitida para outras crenças. O coerentismo, entre outras objeções, é acusado de circularidade viciosa. Imaginemos um conjunto de crenças composto por três crenças (A, B e C), se A justifica B e B justifica C, o que justifica A? Se a resposta é C, em última instância, A justifica a si própria.

As teorias da justificação fundacionalista e coerentista são ambas internalistas, ou seja, defendem que o conhecedor tem de ter acesso às razões que justificam suas crenças. Mas, se a concepção internalista considera necessário que para haver justificação o sujeito tenha que saber que tem uma crença justificada, então o internalismo parece tornar o conhecimento demasiado difícil, quase inalcançável. Pois, exige que dentro da justificação das crenças seja requerido conhecimento, mas esta seria uma definição circular. Se a justificação é condição necessária para o conhecimento, como requerer conhecimento para que se tenha justificação? E esta é apenas uma das objeções dirigidas ao internalismo, as teorias tradicionais deixam muitas lacunas frente às objeções céticas a elas direcionadas.

---

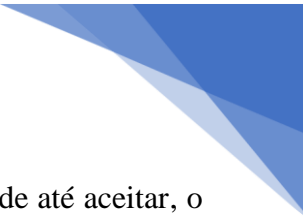
<sup>1</sup> O Regresso Infinito é a conclusão cética de que toda razão oferecida para justificar uma crença precisa ser ela própria justificada, e isso levaria a uma busca infinita por razões.



A pergunta mais básica da epistemologia é: *o que podemos conhecer?* Para respondê-la, é preciso levar em conta as objeções levantadas pelo ceticismo. O ceticismo pode ser voltado para o conhecimento, negando que sejamos capazes de conhecer, ou para a justificação, negando que sejamos capazes de justificar nossas crenças. O ceticismo sobre conhecimento em sua forma mais radical afirma que não somos capazes de conhecer qualquer coisa. Assim formulado ele é facilmente refutável, pois se não podemos conhecer qualquer coisa não conhecemos esta afirmação. O ceticismo filosoficamente mais interessante é aquele que nega que tenhamos critérios racionais para defender uma crença em detrimento de todas as outras, ou seja, nega que possamos dar razões suficientemente boas para justificar nossas crenças. É este último tipo que tem atingido as teorias epistemológicas de forma mais contundente. Frente a isto reformulações no conceito de conhecimento têm sido admitidas dando origem a outras abordagens epistemológicas.

Algumas destas abordagens apresentam uma proposta externalista. Conforme essa abordagem o conhecedor não precisa ter acesso às razões que justificam suas crenças, basta que elas sejam geradas por processos confiáveis. São exemplos de perspectivas externalistas: o confiabilismo e o contextualismo. O confiabilismo, proposto por Alvin Goldman, considera que as crenças são justificadas quando produzidas por um ou mais processos confiáveis. Estes processos são “mecanismos psicologicamente mais básicos para formação de crenças” (LUZ, 2005, p. 201). O conceito de *processo* é aperfeiçoado no decorrer da teoria confiabilista, sendo que inicialmente Goldman considera apenas o conceito de *processos confiáveis* para justificação. Para estar justificado a crer basta que as crenças sejam oriundas destes processos. Já em *Epistemology and Cognition* (1986), Goldman introduz a importância de conceber a justificação a partir de um conjunto de regras. Neste caso, a crença será justificada se for oriunda de um conjunto correto de regras e este conjunto tem que estar em conformidade com o estado cognitivo da pessoa. Um conjunto correto de regras é definido como aquele que autoriza processos psicológicos básicos, os quais devem dar origem ao maior número de crenças verdadeiras, em contrapartida às crenças falsas (GOLDMAN, 1986).

No internalismo para estar justificado a “crer que p”, é preciso “crer que ‘crê que p’”, um segundo nível de crença, no qual o sujeito está consciente de sua crença. O externalismo não exige a consciência da crença, nem sequer a consciência do processo que a forma. Luz (2005) coloca de forma clara a principal diferença entre internalismo e externalismo: que a



justificação da crença se dê por algo interno ao conhecedor o externalismo pode até aceitar, o que ele nega é que o conhecedor tenha que ter acesso às razões, ou ao processo justificatório.

O contextualismo é a defesa de que conhecimento é relativo ao contexto em que está inserido e no qual é discutido. Existe uma série de formulações contextualistas divergentes, mas todas concordam que em alguns contextos se requer mais daquele que crê para considerá-lo conhecedor, e em outros, pouco é exigido.

Dentre as teorias contextualistas podemos citar o contextualismo de alternativas relevantes, proposto por Fred Dretske. A teoria das alternativas relevantes consiste na concepção de que S sabe que p se, e somente se, S é capaz de lidar com todas as alternativas relevantes referentes à p. Dretske propõe a teoria das alternativas relevantes como uma forma de enfrentar o ceticismo, as objeções céticas têm força apenas porque o cético levanta alternativas que muitas vezes são irrelevantes para o contexto em que a crença foi proferida. A pessoa que profere a crença só tem de estar apta a refutar as alternativas relevantes para crença em questão. Se uma objeção levantada é irrelevante, a pessoa não precisa ser capaz de lidar com ela.

Esta concepção contextualista nega que aquele que crê tenha que ‘saber que sabe’, pois se trata de uma postura externalista, que dispensa o acesso à justificação e nega, também, o princípio de fecho epistêmico. O princípio de fecho epistêmico afirma que o que sabemos é implicado por outras coisas que sabemos, ou ao menos devemos saber. Segundo Medeiros (2014, p. 110):

O fecho epistêmico é o princípio lógico que estabelece que o conhecimento é fechado sob implicação, ou modus ponens. Em outras palavras, se um agente S qualquer sabe que uma proposição P é caso e, além disso, igualmente sabe que P implica outra proposição, Q, então o agente em questão também deve saber que Q é o caso. Assim, se S acredita em Q a partir da base segura fornecida pelas premissas (ele sabe que P é o caso e que P implica Q), então ele também deve saber que Q é o caso. Apesar de sua plausibilidade, o princípio do fecho epistêmico tem sido submetido a inúmeras críticas e contraexemplos (DE ALMEIDA, 2007). Desde 1970, Fred Dretske é tido como um dos maiores representantes dos que sustentam a invalidade do fecho para o operador de conhecimento. Segundo ele, a aceitação do referido princípio leva inevitavelmente ao ceticismo.

Assim, o contextualista coloca-se como proposta de solução ao ceticismo, pois nega que tenhamos que responder às objeções céticas para estarmos de posse de conhecimento, quando proferimos crenças cotidianas. O presente trabalho se dedica a apresentar a proposta de Dretske, analisando sua plausibilidade.

## 2. Alternativas Relevantes, Princípio de Fecho epistêmico e Ceticismo

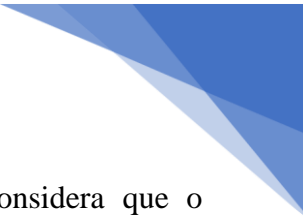
Em seu artigo *Epistemic Operator* (1970), Dretske elabora um exemplo que caracteriza muito bem a teoria das alternativas relevantes. Esse exemplo ficou conhecido como o caso da zebra, e é muito utilizado para explicitar a abordagem proposta por Dretske. O caso da zebra especifica um contexto, frente ao qual são levantadas algumas alternativas que, baseadas no contexto especificado, mostram-se ou não relevantes.

Dretske (1970) propõe as alternativas relevantes como uma forma de enfrentar o ceticismo. Segundo ele, o problema do ceticismo se dá devido ao cético levantar alternativas que muitas vezes são irrelevantes para o contexto em que a crença foi proferida. A pessoa que profere a crença só tem de estar apta a refutar as alternativas relevantes para crença em questão, se uma objeção levantada é irrelevante a pessoa não precisa ser capaz de lidar com ela.

Um dos casos utilizados para exemplificar essa questão é o caso da zebra no zoológico. O pai leva seu filho a um zoológico. O filho curioso lhe pergunta que animais são aqueles no cercado, que se parecem com mulas pintadas. O pai responde que são zebras, ele tem razões para crer que são zebras, a saber: há uma placa em frente ao cercado escrito *zebras*, o zoológico é um zoológico municipal, local confiável, no qual é pouco provável que exponham animais falsos. Neste caso, ele sabe que os animais no cercado são zebras, mesmo sem ter razões contra a hipótese de que sejam mulas engenhosamente disfarçadas para parecerem zebras. E a hipótese de que sejam mulas disfarçadas é irrelevante e não afeta a sua afirmação de que são zebras.

Dretske equipara externalismo com contextualismo. Em seu artigo *Externalism and Modest Contextualism* (2004), ele defende que assumir uma postura externalista implica em assumir um contextualismo modesto. Segundo a abordagem, quando alternativas relevantes são inseridas em um contexto ele se altera, de forma que a pessoa que profere a crença tem que considerar as alternativas para estar justificado a crer. Já, em casos de alternativas irrelevantes, a pessoa não tem que considerá-las para estar justificada.

Esta concepção contextualista nega que aquele que crê tenha que *saber que sabe*, pois se trata de uma postura externalista, que dispensa o acesso à justificação. O contextualismo modesto formulado por Dretske, é o que DeRose (2008) denomina contextualismo do sujeito, no qual o que define se aquele que crê está de posse de conhecimento são as circunstâncias em que este se encontra. Já o que DeRose chama de contextualismo do atribuidor, é o que Dretske denomina contextualismo radical, a defesa de que precisamos considerar as circunstâncias dos



atribuidores de conhecimento<sup>2</sup>. Dretske (2004, p. 31, *tradução nossa*) considera que o contextualismo radical “confunde (ou que possa, pelo menos, ser evitado ao cuidadosamente distinguir) a relatividade em que S é dito saber da relatividade em se S sabe o que é dito saber”.

Para exemplificar a concepção de externalismo de Dretske (2004), ele coloca a seguinte questão: se S vê um pote de biscoitos, cheio deles, ele pode afirmar ‘eu sei que há biscoitos no pote’, mas se considerarmos que alguém pode ter enchido o pote com biscoitos de cera (imitações de biscoito idênticas aos originais)? Nesse caso, S não pode saber só por olhar para o pote que há biscoitos, pois sempre há a possibilidade de que eles sejam falsos. Para o externalista, o que está em questão não é se aquele que crê, sabe ou não se realmente há biscoitos no pote, o que importa é se realmente há ou não biscoitos no pote, independente do acesso que a pessoa que crê possa ter a isso.

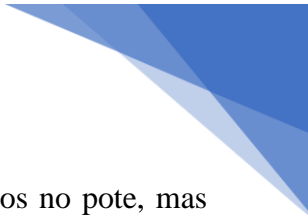
Dretske (2004) formula o conhecimento em termos de informação, o conhecimento se dá através de informação - mas claro - não exclusivamente informação. Nós obtemos informação de várias maneiras e a partir de vários instrumentos, mas nenhum deles nos garante que o que nós obtemos é informação de fato, correta. Se os biscoitos no pote forem de cera, a informação que S adquire através da visão não é correta, contudo, para Dretske, um sinal pode nos informar algo somente se esta informação é verídica. A aparência de que o pote está cheio de biscoitos pode apenas nos informar isto se o pote está, de fato, cheio de biscoitos.

Seria muito difícil sabermos que todas as informações que adquirimos são corretas, e que os instrumentos pelos quais as adquirimos são sempre e todos confiáveis. Tais exigências levariam ao ceticismo, pois são requerimentos demasiado altos, conforme os quais raramente chegaríamos a ter conhecimento. Entretanto, se admitirmos o externalismo, o ceticismo se torna evitável, pois não precisamos *saber* que as informações que adquirimos são corretas, o que é considerado é se elas *são* corretas (DRETSKE, 2004).

Questionar se cada uma das informações que obtemos é correta acabará por levantar hipóteses céticas. Por exemplo, Sabrina ouve o barulho da batedeira que seu pai usa para preparar biscoitos. Ela conhece o hábito de seu pai, que ao desenfornar os biscoitos os coloca no pote. Assim, forma a crença de que há biscoitos no pote. Contudo, pode ser que seu pai estivesse preparando um bolo, se este for o caso a crença é falsa. Se somada a informação de que há barulho de batedeira, Sabrina acrescentar a informação de que seu pai havia comentado

---

<sup>2</sup> Atribuidores são as pessoas que definem se aquele que crê está ou não de posse de conhecimento quando profere uma afirmação.



sobre a intenção de preparar biscoitos, há mais um indício de que há biscoitos no pote, mas pode ser que ele tenha mudado de ideia e resolvido testar a nova receita de bolo.

Se seguirmos desta forma, levantando hipóteses sobre a crença de Sabrina de que há biscoitos no pote, iremos chegar às conhecidas objeções de que ela pode estar sonhando, alucinando, e de que não temos como saber se existe um mundo material em que possa haver biscoitos. Suponhamos que Sabrina agregue à sua crença a informação de que ela viu os biscoitos no pote, certamente poder-se-á levantar a hipótese de que os biscoitos sejam de cera.

Na teoria defendida por Dretske, as hipóteses céticas são evitadas, pois não se exige que Sabrina saiba que sua informação está correta. Para que ela tenha conhecimento não é requerido que *saiba* que as informações através da qual ela formulou sua crença estejam corretas, mas somente que elas estejam corretas (que o pote esteja cheio de biscoitos, neste caso) e se as fontes de Sabrina transmitiram tais informações, então elas são corretas.


O contextualismo de alternativas relevantes consiste em levar em conta algumas circunstâncias quando se profere uma crença. No caso dos biscoitos, se se trata de circunstâncias normais, do pote de biscoitos da minha casa, que sempre está cheio de biscoitos reais, e não há nenhum indício de que estes sejam falsos, eu estou de posse de conhecimento apenas por estar vendo biscoitos no pote. Porém, como Dretske (2004) coloca, se S olhar para um pote de biscoitos que ela jamais havia visto por ali anteriormente, e sem seu conhecimento sua colega de apartamento está fazendo alguns truques, treinando para um show de mágica, sendo que um dos truques envolve um pote com biscoitos falsos, então ela não pode saber que há biscoitos no pote<sup>3</sup>.

As circunstâncias em que eu adquiro a crença são favoráveis, eu posso estar de posse de conhecimento, já as circunstâncias em que S adquire sua crença são desfavoráveis, ela não sabe que há biscoitos no pote. Apesar de as evidências e razões para crer que há biscoitos no pote serem as mesmas, e nenhuma de nós pensarmos que pode estar sendo vítima de um truque com biscoitos falsos, o contexto é diferente. No contexto em que S está inserida, não basta olhar para o pote para saber que ele está cheio de biscoitos, pois naquele contexto sempre há a possibilidade de se tratarem de biscoitos falsos. No meu caso, em minha casa toda vez que o pote contém biscoitos, ele está cheio de biscoitos reais, o que varia em cada um desses casos é o contexto.

---

<sup>3</sup> Mesmo se o pote em questão estiver cheio de biscoitos reais, ele poderia ser o pote que faz parte do truque, com biscoitos falsos.






Para Dretske (2004) o que determina se a pessoa que profere uma crença está de posse de conhecimento são condições do contexto desta pessoa. O contextualismo modesto, proposto por Dretske, é um enfraquecimento das exigências do contextualismo radical. No contextualismo radical, a posse de conhecimento depende das circunstâncias colocadas pelo contexto, não somente daquele que profere a crença, como também daquele em que o atribuidor de conhecimento está inserido. O conhecimento está condicionado aos interesses, padrões e propostas dos que descrevem a pessoa que profere a crença (DRETSKE, 2004). A proposição ‘Eu sei que João está acima do peso’ pode ser conhecimento para um agenciador de modelos, mas provavelmente não seria no caso de um treinador de sumô.

O contextualismo modesto, da forma como Dretske o descreve, equiparando ao externalismo, é a rejeição da exigência infalibilista/internalista de que S só sabe que p, se S sabe que sabe que p. A exigência de que alguém está de posse de conhecimento somente se está consciente de que conhece significa negligenciar que crianças ou animais sejam capazes de conhecer. Crianças e animais sabem coisas, mesmo não tendo acesso cognitivo ao que justifica seu conhecimento, animais, assim como bebês humanos sabem que emitindo determinados sons e comportando-se de determinada maneira receberão alimento. Dretske (2004, p. 34, *tradução nossa*) afirma que: “o conhecimento factual, de acordo com o contextualismo modesto, depende para sua existência de circunstâncias das quais o conhecedor pode ser inteiramente ignorante. Assim, o conhecedor pode saber que p sem saber que sabe que p”.

Ao formular o contextualismo de alternativas relevantes, inicialmente, Dretske propõe dar conta das objeções céticas através da negação do princípio do fecho epistêmico. O princípio de fecho epistêmico consiste na afirmação de que se “S sabe que p, S sabe que p implica q, então S sabe que q”. Esse princípio exige que aquele que crê saiba todas as implicações que ele sabe que podem ser inferidas da proposição que afirma conhecer. Aquelas proposições que ele sabe que são necessárias para conhecer p, digamos: q, r, u. Já o contextualismo modesto não nega o princípio de fecho epistêmico, como as primeiras formulações da abordagem de alternativas relevantes.

A principal objeção dirigida ao contextualismo de alternativas relevantes foi a negação do princípio de fecho epistêmico, pois este é um princípio muito plausível para aquisição de conhecimento. É complicado negar que as coisas que sabemos são implicadas por outras coisas que sabemos (ou devemos saber), e é isto que o princípio de fecho epistêmico afirma: que nosso





“conhecimento é fechado em implicações lógicas conhecidas” (BRENDDEL; JÄGER, 2004, p. 145, *tradução nossa*).

O ataque contextualista ao cético consiste em afirmar que os argumentos céticos só parecem plausíveis devido ao princípio acima mencionado. Por exemplo, o argumento cético do gênio maligno afirma que nós não sabemos se há ou não um gênio maligno. Se não sabemos se há um gênio maligno não podemos saber se há biscoitos no pote, pois não podemos saber se os biscoitos não são hologramas criados por esse gênio que está querendo nos enganar. Não sabemos se há um gênio maligno, logo não podemos saber se há biscoitos no pote, nem qualquer outra coisa. A proposição ‘S não sabe se existe um gênio maligno’ implica que S não pode conhecer nenhuma outra proposição, e inviabiliza o conhecimento.

Ao negar o fecho epistêmico tira-se toda a aparente plausibilidade dos argumentos céticos. “O paradoxo cético consiste no fato de que tais argumentos são válidos e usam premissas que intuitivamente parecem verdadeiras” (BRENDDEL; JÄGER, 2004, p. 145, *tradução nossa*). Assim, o que a abordagem de alternativas relevantes sugere é que os céticos levantam alternativas irrelevantes para o contexto, e que podemos saber que há biscoitos no pote, mesmo sem saber se existe um gênio maligno.


Jäger (2004) afirma que há uma contradição na teoria de informação de Dretske, proposta em seu livro *Knowledge and the Flow of Information*. Dretske nega o fecho epistêmico como forma de evitar as objeções céticas, mas sua teoria de informação, da forma que é apresentada pressupõe o fecho epistêmico. Assim, para Jäger (2004, p. 187, *tradução nossa*) “ou Dretske abraça o ceticismo, ou abandona a sua teoria de informação”.

Segundo Dretske, um sinal perceptual de informação informa-nos algumas coisas, mas não todas as coisas que são implicadas por ele. Por exemplo, do fato de Sabrina ver o pote com biscoitos não se segue que ela possa eliminar a hipótese cética de que não existe um mundo material. O que não significa que Sabrina não possa saber que há biscoitos no pote, já para Dretske as coisas que sabemos muitas vezes são implicadas por coisas que não podemos saber se são verdadeiras (como hipóteses céticas).

O que Jäger (2004) vai mostrar através de uma análise lógica da definição de Dretske de um sinal que carrega informação<sup>4</sup> é que, se há um sinal perceptual que leva a Sabrina a informação de que há biscoitos no pote, e que se Sabrina pode saber que se há biscoitos no pote existe um mundo material, então o sinal leva também a informação de que há um mundo

---

<sup>4</sup> No original, signal’s carrying information [tradução nossa].



material. Desta forma, a informação é fechada por implicações lógicas conhecidas. Jäger (2004, p. 194, *tradução nossa*) assim esclarece:

(5)  $P(\text{não-}h / r \ \& \ k) = 1 \ \& \ P(\text{não-}h) < 1$ . (5) diz que o sinal  $r$  carrega a informação que não- $h$ , e assim que nossa hipótese cética  $h$ , que é incompatível com a proposição empírica  $e$ , é falsa. Em resumo, então surgiu até aqui que, pelo menos para o tipo de proposições aqui em questão, a relação de informação de Dretske está fechada sobre implicação lógica (conhecida): se há um sinal perceptual que carrega para você a informação de que você tem mãos, e se você sabe que se você tem mãos, há um mundo material, então aquele sinal também carrega para você a informação de que há um mundo material.

Se Jäger estiver correto em sua análise da teoria de informação proposta por Dretske, a solução que este último oferece ao ceticismo cai por terra. A solução de Dretske para as objeções céticas está embasada na negação do fecho epistêmico, mas se sua teoria da informação utiliza o princípio de fecho epistêmico, como afirma Jäger, ela não só não oferece solução alguma, como ainda é internamente contraditória<sup>5</sup>.


Diante das resistências de abandonar o fecho epistêmico, Dretske (2004) propõe um enfraquecimento do contextualismo de alternativas relevantes, *o contextualismo modesto*, na tentativa de superar a objeção fortemente dirigida a ele em suas primeiras formulações, por negar tal princípio. Entretanto, o autor continua a defender o abandono do fecho epistêmico, sendo que o contextualismo modesto não exige tal abandono, mas é compatível com ele.

Dretske (2004) defende que algumas das coisas que nós sabemos são inferidas de algumas coisas que nós não sabemos, ou não temos como saber que são verdadeiras, por isso nega o fecho epistêmico. Segundo ele, conhecimento requer razões conclusivas ou informação, e essas não requerem o conhecimento de suas implicações, podem-se ter razões conclusivas ou informação para crer que  $p$ , sem ter razões conclusivas ou informação para  $q$ , mesmo quando sabemos que  $p$  implica  $q$ .

O contextualismo do atribuidor, ou contextualismo radical, é a defesa de que o conhecimento não depende do contexto daquele que crê, mas de quem lhe atribui conhecimento. A solução do contextualista radical para o ceticismo é abrir uma concessão ao cético: em contextos filosóficos as objeções céticas são válidas e não temos conhecimento de nada, ou de poucas coisas. Já em contextos ordinários, em nossa vida cotidiana, as objeções céticas de nada

---

<sup>5</sup> Nos agradecimentos do artigo, Jäger afirma que Dretske admite o problema colocado por ele, mas pensa que pode ser possível reformular sua teoria sem afetar a ideia central. Jäger, em contrapartida, afirma que o problema é oriundo de teorias externalistas, que negam o fechamento (JÄGER, 2004, p. 199).



valem, e podemos conhecer a maioria das coisas que julgamos conhecer, são contextos diferentes, em que os padrões para conhecer são diferentes.

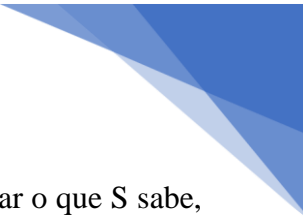
Voltando ao exemplo dado inicialmente, quando chego em casa e vejo o pote cheio de biscoitos, e alguém me pergunta se há biscoitos no pote, eu afirmo ‘Eu sei que há biscoitos no pote’, e estou justificado a afirmar. Para estar justificado basta olhar para o pote de biscoitos, cheirá-los, talvez prová-los. Mas, se o cético faz a mesma pergunta em um seminário de filosofia ele está considerando mais alternativas, como o fato de que não estou sonhando ou alucinando, ou de que não há um demônio maligno fazendo-me ver biscoitos que não existem. Neste contexto, o cético pode afirmar que eu não conheço, pois não sou capaz de descartar tais possibilidades.

Dretske (2004) defende uma abordagem de alternativas relevantes, mas aquelas alternativas que são relevantes para a pessoa que profere a crença, e não para a pessoa, ou grupo que lhe atribui ou nega conhecimento. Segundo o autor, é a partir das circunstâncias em que a pessoa que profere a crença se encontra que o conhecimento deve ser atribuído ou negado, e não a partir das circunstâncias de um atribuidor, que insere alternativas e aumenta os padrões de conhecimento, ou desconsidera alternativas e enfraquece padrões.

Não faz sentido que em um seminário de filosofia eu, enquanto atribuidor de conhecimento, desconsidere as alternativas céticas. Como não faz sentido que o cético, em uma situação cotidiana, no meu café da manhã, por exemplo, pergunte se eu realmente sei que há biscoitos no pote. Para Dretske (2004), um atribuidor não pode impossibilitar o conhecimento daquele que crê aumentando os padrões do contexto em que esse se encontra, nem possibilitar o conhecimento enfraquecendo-os. Dretske ainda afirma:

O que a pessoa que atribui conhecimento para S (este pode ser o próprio S) assume ser relevante é, ao meu ver, irrelevante para se S sabe o que ele diz saber. Algo é, às vezes, relevante para o que está sendo dito que S sabe, mas isso, certamente, é diferente da relevância para se ele sabe o que está sendo dito que sabe (DRETSKE, 2004, p. 36, *tradução nossa*).

Dretske (2004) salienta a diferença entre o que aquele que profere a crença diz saber e se ele sabe o que diz saber, são duas coisas que podem ser facilmente confundidas. O uso de expressões indexicais para descrever o que alguém sabe explicita muito bem isso, quando eu digo: ‘Camila sabe que meu pai encheu o pote de biscoitos’ posso estar proferindo uma crença verdadeira, mas quando outra pessoa diz isso, diz uma falsidade, pois Camila sabe que *o meu pai* encheu o pote de biscoitos, mas não que o pai de outra pessoa o fez. “Então, se nós



identificamos o que é suposto que S sabe com as palavras usadas para expressar o que S sabe, o conhecimento de S seria radicalmente contextual. Se ou não ele sabia dependeria de quem disse, você ou eu, e de quando nós dissemos” (DRETSKE, 2004, p. 36, *tradução nossa*). Neste caso, o que é contextualmente relativo não é se a pessoa sabe ou não, mas o que está sendo dito que ela sabe.

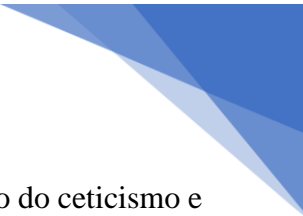
O contextualismo permite que Camila saiba que há biscoitos no pote, em uma situação cotidiana, e ao mesmo tempo não saiba, em um contexto cético, em que os biscoitos são de cera. É possível afirmar conhecimento no contexto cotidiano e negá-lo no cético. São duas situações que não se contradizem, são consistentes entre si, pois se está afirmando e negando coisas diferentes, isso consiste, para o contextualismo modesto de Dretske, em uma mudança no que se diz que a pessoa sabe, já no contextualismo radical, é uma mudança nas condições de verdade para saber algo (DRETSKE, 2004).

Entretanto, o próprio Dretske ressalta que seu contextualismo modesto só pode ser uma alternativa ao ceticismo se negarmos o fecho epistêmico, o princípio que afirma que se “S sabe que p, S sabe que p implica q, então S sabe que q”. Se preservarmos este princípio, não podemos resistir à manobra cética de incluir alternativas irrelevantes para o contexto. Para quem assume o fecho epistêmico, Camila só sabe que há biscoitos no pote se for capaz de afirmar que os biscoitos não são de cera<sup>6</sup>. Isto é algo que Camila não é capaz de afirmar só de olhar para o pote, ela precisaria tocar nos biscoitos, cheirá-los, talvez mordê-los, mas, se ela não pode afirmar que sabe que os biscoitos não são de cera, isto implica que não pode afirmar que sabe que o pote está cheio de biscoitos. De acordo com o fecho epistêmico, Camila tem que saber, ou estar em posição de saber, que os biscoitos no pote não são de cera, para saber que o pote está cheio de biscoitos, apenas por afirmar a alternativa de que os biscoitos são de cera, o contexto se eleva para um contexto cético. Logo, Camila não está mais de posse de conhecimento, e segundo os defensores do fecho epistêmico, nunca esteve.

Essa postura de conservação do fecho epistêmico, adotada por contextualistas radicais, sugere que no momento em que as questões céticas são levantadas S deixa de saber o que sabia até então, mas em situações cotidianas seu conhecimento está a salvo do cético. O que não acarreta em contradição, segundo os defensores da postura, apesar de no contexto cético, S negar que em algum momento tenha conhecido o que afirmava conhecer no contexto ordinário.

---

<sup>6</sup> Pois se S sabe que p, sabe que p implica q, ou seja, se Camila sabe que há biscoitos no pote, sabe que os biscoitos são reais e não de cera.




A crítica que Dretske levanta a esta posição é a de que se trata de uma aceitação do ceticismo e não de uma alternativa a este. Só serve de alternativa para alguém que jamais se coloque dúvidas céticas, pois ao serem levantadas tais dúvidas, o contexto torna-se cético e inviabiliza o conhecimento. Mas tal solução não é satisfatória, visto que buscamos uma resposta ao ceticismo, que o refute tanto na vida diária quanto em seminários de filosofia (DRETSKE, 2004).

Dretske (2004) defende que a formulação contextualista, adicionada ao abandono do fecho epistêmico, é capaz de fornecer uma resposta ao cético: do que deriva seu contextualismo modesto. Abandonar o fecho epistêmico significa que Camila pode admitir que não sabe distinguir biscoitos reais de biscoitos de cera, idênticos aos reais. Seja na vida diária, quando olha para o pote de biscoitos de seu pai, seja na academia, quando frente a objeções céticas não sabe se é capaz de conhecer a realidade do mundo exterior e por isso não pode saber se há biscoitos no pote. Mas, apesar disto, Camila sabe que o pote está cheio de coisas que ao menos se parecem com biscoitos, e isto basta para que ela esteja de posse de conhecimento quando seu pai, que prepara o lanche da tarde, lhe pergunta se o pote está cheio de biscoitos ou de cereais. A questão acerca de serem biscoitos reais ou imitações não é relevante para seu pai, mesmo que tal questão implique em se Camila sabe realmente o que diz saber. Em contextos céticos esta questão é relevante, e ela pode então admitir que não sabe que há biscoitos reais no pote, mas isso não a desapropria de seu conhecimento quando seu pai lhe faz a pergunta. “Isto, me parece, é uma resposta significativa para o ceticismo” (DRETSKE, 2004, p. 40, *tradução nossa*).

Conforme o contextualismo modesto, as objeções céticas inviabilizam nosso conhecimento no contexto cético, mas ele continua garantido no contexto cotidiano, já para o contextualismo radical, diante das objeções céticas, até nossos conhecimentos cotidianos são tirados de nós. Para o contextualismo modesto, não é problema que aquele que crê não conheça e não venha a conhecer as objeções que inviabilizam o seu conhecimento em um contexto cético. As questões céticas podem até implicar as questões da vida cotidiana, mas no contexto diário isso não é relevante. Segundo Dretske (2004), para assumir uma postura como esta, o que entendemos por *afirmações de conhecimento* deve ser algo bem menos ambicioso. Neste sentido Dretske (2004, p. 41, *tradução nossa*) destaca:

Isso depende da nossa vontade de dizer que a pessoa pode ver – portanto, saber – que há biscoitos no pote, enquanto não sabe coisas que ele sabe que são implicadas pelo que ele sabe – que há um mundo material, que ele não está sendo espertamente enganado, que o solipsismo é falso. Isso depende de nossa vontade de conceber




afirmações de conhecimento em termos menos ambiciosos. Como relatos de progresso.

Dretske (2004) sugere que consideremos os relatos perceptuais (eu vejo, eu sinto cheiro, eu ouço) como relatos de progresso. Relatos perceptuais revelam que aquele que crê conhece algo, mas não revelam todas as coisas envolvidas neste conhecimento. Quando alguém profere uma crença, não profere tudo o que levou em consideração para formar esta crença. Se Camila relata ‘eu vejo biscoitos no pote’, isto revela que ela sabe que há biscoitos no pote, mas não revela se ela conhece todas ou a maioria daquelas coisas que estão envolvidas neste relato. Não revela se os biscoitos não são de cera, colocados no pote apenas para enganá-la, por exemplo. Mas isso não deslegitima a afirmação simples de Camila, de que ela vê um pote, e de que neste pote há coisas que se parecem com biscoitos.

Objecções céticas do tipo que questionam se os biscoitos são reais, e se Camila não está sendo enganada por algum mal-intencionado, ou mesmo se existe um mundo material em que possam existir biscoitos, são implicadas pela afirmação de Camila de que ela vê biscoitos no pote. E se aceitarmos que para saber que há biscoitos no pote ela tem que refutar estas objeções, então Camila não sabe, mas trata-se de uma afirmação simples, que não revela, por exemplo, que anteriormente ela havia comido vários biscoitos e agora, quando profere a afirmação de que há biscoitos no pote, ela o faz porque constata que ainda não acabaram. Assim, Camila sabe que são biscoitos reais, apesar de seu relato perceptual não o revelar.

Podemos supor um contexto em que Camila já havia provado os biscoitos anteriormente e podia refutar a objeção de que eram de cera, ou podemos ainda considerar um contexto em que ela simplesmente olha para o pote, vê que ele não está vazio, que dentro dele há coisas que se parecem com biscoitos e profere sua crença. Neste último caso, questionar se os biscoitos são reais é irrelevante para o que Camila está dizendo que sabe, pois o que ela afirma saber é que o pote não está vazio. Segundo Dretske (2004), é até bobo levantar este tipo de questão, e elas são oriundas de uma má compreensão do que se está afirmando saber. O que Dretske pretende mostrar com tudo isto é que o princípio de fecho epistêmico é dispensável e que o dispensando resolve-se o problema do ceticismo.

Stine (1976) afirma que a teoria de alternativas relevantes é capaz de dar conta do problema do ceticismo, mas não admite o abandono do princípio de fecho epistêmico, reformulando a teoria de modo a não excluí-lo. Para Stine, o cético levanta alternativas que são irrelevantes em circunstâncias normais, e exige que apresentemos evidências para estas



alternativas, contudo, por serem irrelevantes, tais alternativas dispensam evidência. Stine considera que o erro de Dretske está em entrar no jogo do cético e admitir que sempre que o conhecimento de *p* é atribuído a *S*, não-*p* é uma alternativa relevante.

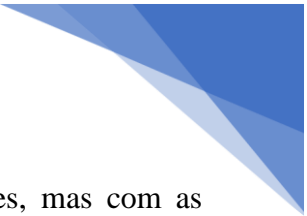
Em circunstâncias normais em que *S* sabe que *p*, a negação de *p* não é uma alternativa relevante, e por isso não precisa ser descartada. Assim, ‘aqueles animais são mulas disfarçadas’ não é uma alternativa relevante para as circunstâncias normais vigentes em uma visita ao zôo, e por isso *S* não tem que ser capaz de lidar com ela. Mas, diferentemente da proposta de Dretske, em que *S* podia saber que ‘os animais são zebras’, sem saber que ‘os animais não são mulas pintadas’ (o que consiste na negação do fecho epistêmico), na formulação de Stine *S* sabe que são zebras, e sabe que não são mulas pintadas, sem ter que apresentar evidências para isso:

O ponto é que alguém sabe o que alguém assume por garantido em circunstâncias normais. Eu realmente sei que não é uma mula pintada para se parecer com uma zebra. Eu não preciso de evidência para tal proposição. A figura de ‘evidência do conhecimento’ tem sido levada longe demais. Eu diria que eu não tenho evidência de que é uma zebra também. Eu *simplesmente* vejo que é uma. O ponto que eu quero trazer aqui, simplesmente, é que se a negação de uma proposição não for uma alternativa relevante, então eu conheço isto - obviamente, sem precisar fornecer evidência - e tão obviamente que é estranho, até mesmo enganoso, dar elocução a meu conhecimento (STINE, 1976, p. 258, *tradução nossa*).

Na proposta de Stine (1976), o conjunto de alternativas relevantes deve se manter constante, como forma de evitar a falta de precisão nos critérios de relevância, bem como para garantir a validade dos argumentos. Pois, ela afirma que “se as alternativas relevantes, as quais têm afinal de contas a ver com a verdade e falsidade das premissas e da conclusão, não podem ser mantidas fixas, então é difícil ver em que bases alguém pode decidir se a forma do argumento é válida ou não” (STINE, 1976, p. 256). Assim, o conjunto de alternativas relevantes é estabelecido para circunstâncias normais, entretanto, a proposta formulada por Stine não é uma abordagem contextualista, visto que mantém constantes os padrões de atribuição de conhecimento.

Stewart Cohen (1988) considera que a teoria de alternativas relevantes pode dar conta dos paradoxos céticos apresentados às teorias falibilistas, tais como o paradoxo da loteria, porém uma crítica contundente a esta teoria é que é muito difícil dizer com precisão e generalidade o que torna uma alternativa relevante. E em função disto, a teoria tem sido acusada por seus opositores de obscura e *ad hoc*, pois conforme Cohen, apesar da força anticética da teoria, ela falha em definir de forma precisa um critério de relevância.





O que acontece, não somente com a teoria de alternativas relevantes, mas com as propostas contextualistas em geral, é que os padrões têm de ser decididos caso a caso, e por isto é complicado fornecer definições precisas e gerais, tão características das teorias filosóficas tradicionais. O contextualismo é, seguidamente, acusado de ser impreciso, *ad hoc*, ou relativista em função disto, mas estas críticas são decorrentes de olhares comprometidos com as teorias tradicionais. São objeções que exigem universalidade de uma teoria que não se propõe a ser universal, ao contrário, se propõe a levar em conta padrões contextuais.


### 3. Considerações Finais

Contextualismo é um termo amplo, que designa uma série de teorias, mais ou menos semelhantes entre si. O que elas têm em comum é a defesa de que as atribuições de conhecimento variam conforme o contexto em que o conhecedor está inserido. Este trabalho pretendeu apresentar a abordagem contextualista de alternativas relevantes e sua importância na epistemologia contemporânea para resolução dos problemas deixados pela tradição.

O pensamento filosófico foi fundado na razão, e a razão foi considerada universal e objetiva. O sujeito sempre foi pensado como um sujeito universalizado, fora do tempo e do espaço, sem historicidade e sem posição social. Nas concepções tradicionais o contexto bem como as práticas e normas sociais foram desconsiderados pela epistemologia, visto que o conhecimento era pensado como *a priori* e universal. O contextualismo propõe que passemos a pensar o sujeito do conhecimento como situado no tempo e no espaço e influenciado por práticas sociais.

A Teoria das Alternativas Relevantes destaca-se por acusar o cético de levantar questões irrelevantes. Trata-se uma boa forma de lidar com o ceticismo, mas a um custo que nem todos estão dispostos a pagar: o abandono do princípio de fecho epistêmico. A teoria de Dretske abandona o princípio que diz que as coisas que sabemos são implicadas por outras coisas que sabemos, ou ao menos, devemos saber. Negando este princípio, Dretske se livra das objeções céticas que impossibilitam nosso conhecimento ao afirmar que não existe um mundo exterior à mente, e outras objeções céticas. Ao negar o fecho epistêmico garantimos nossas afirmações diárias de conhecimento, mas muitos filósofos não estão dispostos a abandonar este princípio.

As objeções feitas ao contextualismo, em geral, são objeções comprometidas com uma visão tradicional de conhecimento e de justificação. O contextualismo está comprometido com



uma concepção prática de conhecimento, em que conhecimento é relativo às normas sociais e não universal e irrevogável. As críticas às teorias contextualistas são feitas a partir de um olhar da tradição, mas há conceitos que apesar de centrais para epistemologia tradicional, foram abandonados ou revistos.

Assumir uma teoria contextualista acarreta em uma reformulação de conceitos centrais para a epistemologia, como sujeito, justificação, conhecimento. O conhecimento não é definido do mesmo modo que na tradição, o contextualista não considera *o conhecimento*, mas *conhecimentos*. Justificação não é “dar razões”, mas tem de ser assumida em um sentido mais amplo, como estar garantido a proferir uma crença, estar legitimado a afirmar que p. Para uma boa compreensão de qualquer abordagem contextualista é preciso levar em conta as reformulações conceituais que elas exigem, pois qualquer proposta contextualista pressupõe uma ruptura com a tradição.

## Referências

- BRENDEL, E.; JÄGER, C. Contextualism approaches to epistemology: Problems and Prospects. *Erkenntnis*, Netherlands, p. 141-172, 2004.
- COHEN, S. How to be a fallibilist. *Philosophical Perspectives*. *Epistemology*, Atascadero, n. 2, p. 91-123, 1988.
- DRETSKE, F. Epistemic Operators. *The journal of philosophy*, v. 76, p. 1007-10023, 1970.
- DRETSKE, F. Externalism and modest contextualism. *Erkenntnis*, Netherlands, 61, p. 173-186, 2004.
- DRETSKE, F. *Knowledge and the Flow of Information*. Palo Alto: Center for the Study of Language and Information, 2013.
- GOLDMAN, A. *Epistemology and cognition*. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- JÄGER, C. Skepticism, information, and closure: Dretske's theory of knowledge. *Erkenntnis*, Netherlands, n. 61, p. 187-201, 2004.
- LUZ, A. M. Justificação, confiabilismo e virtude intelectual. *Veritas*, Porto Alegre, v. 50, n. 4, p. 191-218, 2005.
- MEDEIROS, S. K. B. Fecho epistêmico, ceticismo e razões conclusivas. *Dialektiké*, v. 1, nov 2014. p. 109-133.
- STINE, G. C. Skepticism, relevant alternatives and deductive closure. *Philosophical Studies*, 29, p. 249-261, 1976.



**Recebido: 18-07-2021**

**Accito: 17-08-2021**